



**DISCURSO TRANSCULTURADOR: UMA TRAVESSIA INCONCLUSA: A
RESPEITO DA TRANSCULTURAÇÃO EM *GRANDE SERTÃO VEREDAS*, DE
GUIMARÃES ROSA**

**TRANSCULTURAL DISCOURSE – A NOT CONCLUDE CROSSING –
REGARDING TO THE TRANSCULTURATION IN THE WORK “
GRANDE SERTÃO: VEREDAS”**

Ana Lúcia Branco*

RESUMO: A primeira parte do estudo consiste em apresentar o aspecto metodológico, que reporta à abordagem de Ángel Rama de uma América Latina como um projeto a ser delineado pelo trabalho intelectual através do conceito da “transculturação”, entendendo o mesmo como um processo de perdas, seleções, redescobertas e incorporações entre duas culturas que entram em contato. A segunda parte corresponde à aplicação da mesma em *Grande sertão: veredas*, mais especificamente, no episódio do julgamento do personagem Zé Bebelo quando Riobaldo, pela linguagem, se mostra tanto do lado tradicional do sertão quanto do lado da modernidade proveniente consubstancialmente das urbes.

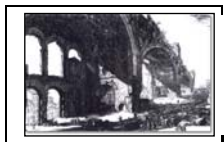
PALAVRAS-CHAVES: Linguagem; Ángel Rama; Transculturação; Guimarães Rosa; *Grande sertão: veredas*.

ABSTRACT: The first part of this work is to introduce the methodology aspect that shows the Ángel Rama’s approach a Latin American as a project to be described by the intellectual work trough the meaning of the “transculturation”, understanding it as a process of lost, selections, rediscovers and incorporations between two cultures that enter in a contact. The second part is use it in *Grande sertão: veredas*, specificationly, in the moment of the open trial of the character Zé Bebelo when Riobaldo, by the language, itself shows either the traditional side or modern side that proceed mainly of the cities.

KEY-WORDS: Language; Ángel Rama; Transculturation; Guimarães Rosa; *Grande sertão: veredas*

Guimarães Rosa, em 1956, com a publicação de *Grande Sertão: Veredas*, *Grande sertão: veredas*, traz ao leitor uma narrativa de jagunços e lutas passando-se sobre um espaço geográfico delimitado entre Minas Gerais, Bahia e Goiás. As relações de poder marcam o tom dos conflitos entre grupos que cooperam ou antagonizam entre si. A história, assim,

* Mestranda pela Universidade de São Paulo, orientanda do prof. Dr. Luiz Dagobert de Aguirra Roncari, e bolsista pelo CNPq desde maio do presente ano. Analu@usp.br



decorre guardando verossimilhança com a História. Revela, dentre suas diversas “camadas” significativas, a substituição de um tempo pelo outro, com uma reintegração do tempo passado ao tempo presente como consecução de uma memória. O principal operador desta troca de tempos é o próprio narrador-protagonista – Riobaldo – sob as vestes de um transculturador. Isso se dá pela superação da dicotomia entre duas linhas de força, a moderna e a tradicional, o que possibilita a Riobaldo instituir trocas simbólicas e culturais entre diferentes territorialidades, tradições e sistemas ideológicos, assegurando-se entre os planos que lhe coube mediar.

Em uma entrevista a Günter Lorenz (apud Fantini, M., 2004, p. 56), Guimarães Rosa deixa patente seu “compromisso”, como escritor, com a missão de *transculturizar*, ou seja, de mediar conflitos, promover trocas culturais para, dessa forma, contribuir no processo de modernização literária e cultural da América Latina. Partindo, então, do pressuposto básico de Transculturização, segundo postulação de Ángel Rama, entendido, por sua vez, como um processo que sugere um duplo movimento de assimilação e resistência entre culturas que entram em contato, e que desencadeia, conseqüentemente, perdas e ganhos parciais de conteúdos e práticas culturais entre elas, pretendo fazer dele a metodologia deste estudo, viabilizando um dos principais momentos em que Riobaldo efetua a operação dos tempos a que me referi de início. Trata-se, pois, do episódio do julgamento de Zé Bebelo quando Riobaldo nos mostra sua Letra enquanto valor, com argumentos que tanto pendem para o mundo arcaico quanto para o moderno.

Rosa “demarcou” suas obras com heterogeneidade e hibridez cultural que faz de sua linguagem ficcional um refinamento técnico, colocando em confronto dialógico idiomas, culturas, ideologias distintas. Sempre situado numa “terceira margem” – entre o público e o privado, o regional e o universal, o erudito e o popular, o moderno e o arcaico – apresenta-se como um emblemático transculturador, um papel que lhe possibilita explicar em seus textos a coexistência entre sujeitos sociais e etnicamente dissímiles.

O uruguaio Ángel Rama (1926-1983), estudando as culturas do continente latino-americano, valiosas em sua variedade mestiça, trata em sua reflexão crítica de alguns temas centrais, como a formação do romance na América Latina, as relações entre literatura, cultura e classes sociais e o complexo jogo entre vanguarda e regionalismo. Nesse viés,



pensa a literatura enquanto objetivo de trabalho cultural, por ser construída à medida que faz parte de um discurso social.

No basta que haya obras literarias buenas e exitosas para que exista una literatura. Para alcanzar tal denominación, lãs distintas obras literarias y los movimientos estéticos deben responder a uma estructura interior armónica, com continuidad creadora, com afán de futuro, com vida real que responda a uma necesidad de la sociedad en que funcionan. (Chiappini, L. & Aguiar, F., 1993, p. 149)

Pela literatura almeja não apenas a informação, mas também uma forma de compreensão da realidade. Assim, sua obra é um reflexo sobre o tempo latino-americano, com suas dimensões de memória e projeto, pois pensa num estatuto de América Latina apoiado sobre três aspectos, considerando-a uma tarefa, uma tarefa de vanguarda e fundamentalmente ligada ao trabalho dos intelectuais. Silvio Romero, citando Oliveira Martins (1978, p. 33) já aponta no século XVIII a relevância dos intelectuais quando expressa sua opinião de que a máxima prova da constituição orgânica do Brasil é a sua fecundidade intelectual.

O crítico uruguaio considera as literaturas latino-americanas como divisões puramente históricas da atividade literária segundo cada nação, sendo que a realidade julga ser transnacional e se prende a certas regiões que foram despedaçadas pela “balcanização”, que, por sua vez, denominou de “comarcas” (Cf. Chiappini, L. & Aguiar, F., 1993, p. 267).

O verso de “O trovador”, presente em *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade (1957), que serve de segunda epígrafe a este estudo, abarca a típica heterogeneidade da formação cultural brasileira por fazer saltar aos olhos o paradoxo gerado pela inter-relação de “tupi” (etnia/cultura/língua ameríndia) com “alaúde” (instrumento de cordas europeu). Contudo, não é porque o alaúde e os tupis pertencem a histórias diferentes que eles não podem se encontrar na pena de um poeta ou no meio de uma aldeia indígena administrada pelos jesuítas. É justamente o elemento “língua” que, por transcender todas as “comarcas”, pode servir de critério para delimitar um universo literário. (Gruzpinski apud Abdala Jr., B., 2004, p. 162).

Para explicar, na década de 70, de que maneira formas da modernidade europeia haviam se adaptado à realidade latino-americana, Rama usou o conceito da transculturação, neologismo criado pelo sociólogo cubano Fernando Ortiz em 1940, em seu *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*, para explicar o impacto das trocas culturais e econômicas durante



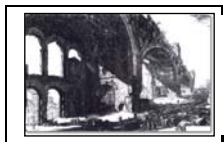
o empreendimento colonial. Enquanto Ortiz estuda a transculturação como processo, Rama encara-a como processo e projeto, acrescenta-se, literário e cultural.

Para o processo de transculturação nas obras literárias, Rama estabeleceu três níveis distintos e complementares: o lingüístico, o da estruturação e o da cosmovisão. Sumariamente, correspondem à utilização inventiva da linguagem através do resgate de falas e modos de expressão regional ou local, à incorporação do imaginário popular, de formas narrativas e temas próprios, e ao abandono do discurso lógico-racional em favor da incorporação de uma nova visão mítica. Um conjunto, portanto, ocasionado pela tensão entre a modernidade vanguardista, glorificada de suposta universalidade, de um lado, com a tradição localista regional de outro (Cf. Aguiar, F. & Vaconcelos, S. G., 2000, especificamente, p. 219 à 225, e 269 à 280).

Entrecruzam-se na cultura brasileira uma base rural, de aspecto popular, e outra urbana, moderna., configurando espaços dicotômicos, “porque dilacerados por uma contradição que nos constitui”, hoje. (Araújo, Vera L.R.C., 2000, p. 3)

Que somos nós entre os povos do mundo, os que não somos a Europa, o Ocidente ou a América original? [...] A macro-etnia pós-romana [...] defrontou-se na América com uma nova provação. Frente a milhões de indígenas e outros tantos milhões de negros, novamente se transfigurou, *mais amorenando-se e mais se aculturando* [...]. Primeiro, a contribuição européia de técnicas e de conteúdo ideológicos [...]. Segundo, seu antigo acervo cultural que, apesar de drasticamente reduzido e traumatizado, preservou línguas, costumes, formas de organização social [...] arraigados em vastas camadas de população, [que] conduzem dentro de si [...] o conflito entre a cultura original e a civilização européia. (Ribeiro, D., apud Araújo, Vera L.R.C, 2000, p. 4, grifo meu)

O que se pode inferir a partir do excerto é a face urbana do modernismo brasileiro e a crescente desvalorização do espaço rural na arte comportando-se a partir de uma relação com a modernização européia, conduzida por fora. Desarticulando esse veio modernizador cosmopolita, Ángel Rama (1975) apresentara escritores como Juan Rulfo, Arguedas, Mário de Andrade e Guimarães Rosa, a quem chamara de *transculturadores narrativos* – os que traduzem as tensões entre as manifestações externas e internas de uma mesma cultura.



Durante o processo de transculturação, ainda segundo acepções de Angel Rama, observam-se destruições, absorções e afirmações de valores e elementos em ambas as culturas envolvidas. É exatamente nessa perspectiva que se encaixa, segundo Bronislaw Malinowski, a transculturação, implicando em um processo em que ambas as partes da equação são modificadas; “um processo no qual emerge uma nova realidade, composta e complexa, uma realidade que não é uma aglomeração mecânica de caracteres, nem sequer um mosaico, mas um fenômeno novo.” (Apud Aguiar, F. e Vasconelos, S.G., 2000, p. 260).

Grande sertão: veredas salienta uma língua do sertão com formas nem novas, nem velhas, e sim vivas. Nele, Guimarães Rosa “não aflorou o manancial das palavras, nem (...) o jeito de as falar. (...) Recebeu-as por transculturação da terra de onde vieram ao mundo, transportadas por um terceiro povo, que foi o conquistador ultramarino”. As subculturas da região do sertão mineiro, quer a de vaqueiros, quer a de jagunços, encontram voz e são colocadas em situação de permanente diálogo com a cultura letrada e urbana, representadas pelo narrador e interlocutor (Paz-Andrade, V., 1983, p. 87).

O romance rosiano mostra como a condição do sertanejo pobre é ambígua, como sua dispensabilidade redundava em dependência, sua liberdade em submissão; e é, seguindo uma acepção de Walnice Galvão (1972, p. 12), o narrador-protagonista que, tendo uma vida dividida em duas partes – como membro da plebe rural quando menino e quando jagunço; e como membro da camada dominante quando jovem e quando velho – tem distância crítica para perceber a ambigüidade da condição do pobre pacífico ou guerreiro conforme sirva aos interesses de quem manda.

Riobaldo não é bom nem ruim, suas “travessias” são sempre incertas e inconclusas, pode-se dizer. A sua natureza de homem e a sua condição humana, ambas, são um “estado de fato” cujo dado original só é perceptível nas suas oscilações entre o singular pluralismo das verdades e dos seres, o irrealizável do real, o mundo das letras e o da jagunçagem, ação e reflexão, e entre os pólos morte/vida, criação/acaso, arcaico/moderno. Ambígua, aliás, é a própria língua rosiana, que explicita consideravelmente a premissa a que pretendo chegar ao analisar uma determinada fala de Riobaldo, pois ela

põe e compõe os contrários, fundamenta e funde os elementos mais diversos. É fala e muito construída, trivial e rebuscada, erudita; sertaneja e bem diferente de uma copa da língua caipira; essencialmente seca, brusca, pedregosa, cheia de relevos e asperezas – realista com rudeza –



mas também capaz de doçura (...). (Rosa, J.G., apud Coutinho, E.F., 1983, p. 476)

Por meio de Riobaldo, Guimarães Rosa (1956) proporciona ao leitor uma visão “de dentro” da jagunçagem. Diferentemente de Euclides da Cunha, não fala *sobre* o sertão, do lado de fora, a partir de uma tribuna moral supostamente superior, mas faz a própria voz do sertão falar. Há um olhar exatamente oposto das vistas euclidianas, do alto, pois o olhar rosiano porta uma perspectiva rasteira: “Enquanto o ensaísta-engenheiro sobrevoa o sertão como num aeroplano, o romancista caminha por ele como por uma estrada-texto. Ou então ele atravessa o sertão como um rio”. (BOLLE, W., 2004, p. 76).

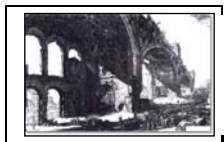
Se enquanto autor emprestei ao sertanejo o *instrumental cultural* necessário para trazer à superfície aquele lastro intertextual das partes, por sua vez, esse *sujeito amoroso* chamado Riobaldo me conferiu, com a sua fala, em câmbio, 'a inocência do seu imaginário, tão indiferente ao bom uso do saber.' (Rosa, G., apud Olea, H., 2006, p. 44)

Entre duas configurações culturais diversas, a da modernidade e a dos “deserdados da modernização”, Rosa atingi um equilíbrio formal por meio das operações transculturais de Rama, vendo-as como uma resposta criadora ao confronto entre o mundo tradicional do sertão e as alterações que foram, lenta, mas inexoravelmente, transformando sua face e seus modos de vida através da face urbana (moderna). O episódio do julgamento de Zé Bebelo retrata consubstancialmente essa perspectiva e será motivo de análise em seqüência.

Zé Bebelo, capturado, depois de perder uma batalha contra o bando de Joca Ramiro, na Chapada-da-Siriema-Correndo, e de ter sido salvo da morte por um pretexto inventado por Riobaldo, exigiu seu julgamento, incorporando, com isso, um princípio novo àquele meio, que foi, por sua vez, consumado por Riobaldo.

Joca Ramiro consente a exigência do réu e, junto de seus jagunços, se reúne na Fazenda Sempre-Verde do doutor Mirabô de Melo para o cumprimento da mesma. O chefe do bando principia, então, o julgamento dando permissão aos presentes para referir opinião e propor condena.

Foram oito os que tomaram a palavra: Hermógenes, Sô Calendário, Ricardão, Titão Passos, João Goanhá, Gú, Dôsno e Riobaldo, respectivamente. Ou seja, praticamente só os



“grandes” se pronunciavam, o que faz do episódio um conselho de chefes assistidos pelos demais. Sumariamente, a sentença fica na proporção de seis votos a favor da absolvição de Zé Bebelo para dois contra.

Dentre todos os oradores, o discurso de Riobaldo é o mais surpreendente e revelador, pois é neste episódio que mostra, incisivamente, pela primeira vez, suas cabais possibilidades de chefia: “- Dê licença, grande chefe nosso, Joca Ramiro, que licença eu peço! O que tenho é uma verdade forte para dizer, que calado não posso ficar...” (Rosa, G., 1956, p. 273).

Sua argumentação, ressaltando-se por se apresentar distinta daquelas conhecidas pelos jagunços, torna-se imprescindível à salvação de Zé Bebelo. Além disso, é digna de nota, e objeto central deste estudo, a duplicidade da oratória do narrador-personagem, uma vez que estabelece propensão tanto para o mundo moderno quanto para o tradicional. O que seria moderno e o que seria arcaico, então, em sua comunicação?

Riobaldo reconhece a qualidade de chefia jagunça de Zé Bebelo, assumindo inclusive que, ao lado dele, guerreou nesse “sistema” do sertão:

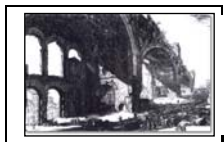
Zé Bebelo é homem valente de bem, e inteiro, que honra o raio da palavra que dá! Aí. E é chefe jagunço, de primeira, sem ter ruindades em cabimento, nem matar os inimigos que prende, nem consentir de com eles se judiar... Isto, afirmo! Vi. Testemunhei! (Rosa, G., 1956, p. 274).

Ressalta o caráter da memória, a tradição oral do sertão e a valentia do bando em que guerreou:

A guerra foi grande, durou tempo que durou, encheu este sertão. Nela todo o mundo vai falar, pelo Norte dos Nortes, em Minas e na Bahia toda, constantes anos, até em outras partes... Vão fazer cantigas, relatando as tantas façanhas... Pois então, xente, hão de se dizer que aqui na Sempre-Verde vieram se reunir os chefes todos de bandos, com seus cabras valentes, montoeira completa, e com o sobregoverno de Joca Ramiro [...] (Id., *ibid.*, p. 274).

E engrandece, por fim, a nova instituição que ocorria naquele locus tradicional:

[...] se a gente der condena de absolvido: soltar este homem Zé Bebelo, a mãvazias, punido só pela derrota que levou – então, eu acho, é fama grande. Fama de glória: que primeiro vencemos, e depois soltamos... (Id., *ibid.*, p. 275).



Chefe jagunço é quem dita a lei, indica o caminho, sugere os alvitre, inspira os sentimentos, estimula a ação, determina o alcance e o significado dos fatos. Riobaldo só se torna efetivamente um quando, depois do assassinato de Joca Ramiro, Zé Bebelo e Titão Passos ficam na suspensão de qual deles assumiria o bando dali em diante com o fim de levar a cabo a vingança sobre Hermógenes. Entretanto, é no episódio do julgamento de Zé Bebelo que Riobaldo se apresenta na qualidade de autoridade maior do sistema jagunço. Mostra-se cômico de sua eloquência, da sua elevação de jagunço a chefe, desejando, diga-se de passagem, reconhecimento, por isso:

Joca Ramiro fazendo um gesto, então queria que eu calasse absolutamente a boca (...). *Eu quis*, de repente, *tornar a ficar nenhum, ninguém, safado humildezinbo...*; p. 276 (grifo meu) / / O silêncio todo era de Joca Ramiro. (...) *Ninguém não reparava mais em mim, não apontavam o eu ter falado o forte solene (...)*; e então, agora, para todos os de lá, eu não existisse mais existido? Só Diadorim, que quase me abraçava (...) (Id., *ibid.*, p. 277, grifos meus).

Riobaldo, que aqui alcunhei de “jagunço-moderno”, fala, portanto, com linguagem, voz e autoridade de Chefe dos jagunços ao mesmo tempo em que entroniza valores que até o momento eram de total desconhecimento daquele meio: a ordem, a justiça, o conceito abstrato de identidade humana que leva à formulação de um direito – o que se antepõe ao costume consagrado. Ocorre o que Flávio Aguiar (1992, p. 88) denomina de “pacto letrado”, ritualizado no julgamento entre Riobaldo e Zé Bebelo que, ao concederem foro a uma nova ordem entre a guerra e a paz, introduzem no mundo jagunço aquilo que o destruiu.

O que se apreende do discurso do narrador-protagonista é a tensão mediante a valores modernos que se deixa penetrar na realidade sertaneja e à continuidade do sistema vigente local. Nesse sentido, o transculturador Riobaldo constitui-se como aquele que desafia a cultura estática a desenvolver sua potencialidade e produzir novos significados sem, contudo, perder sua textura íntima. Como menciona Willi Bolle (2004, p. 124), o que caracteriza a cena do julgamento é a combinação de uma visão de dentro com um ponto de vista de fora, o que faz a invenção de um narrador “jagunço-letrado”, um verdadeiro achado de Guimarães Rosa.



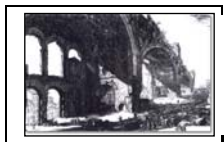
Em seu “monólogo-diálogo”, na expressão de Ángel Rama, ou “diálogo pela metade”, na de Roberto Schwartz, Riobaldo se pôs em uma terceira margem, numa posicionalidade oblíqua, em que medeia extremos eqüidistantes em escala e valor.

É assim que, ao encarnar a condição ambígua de jagunço e letrado, ele se posiciona numa linha de fuga que lhe possibilita bordejar extremos e deslizar de uma a outra margem, sem, contudo, se fixar em nenhuma. Portanto, quando entremescla as 'verdades' de margens e bandos opostos, o Riobaldo 'cerzidor' pode relativizar as certezas culturais de cada pólo, e as margens por ele abertas são as terceiras margens onde, com a desierarquização dos absolutos, passam a vigorar a heterogeneidade e o hibridismo, temporal e cultural (Candido, A., apud Abdala Jr., B., 2004, p. 167).

Por meio do processo de transculturação, Ángel Rama vê para a América Latina a possibilidade de uma recuperação do passado para criar um projeto de futuro. Para o continente, empenha-se na explicação do nosso modo particular e específico de inserção no sistema cultural mundial, não, como salientou L. Chiappini e F. Aguiar, numa posição de subalternidade, e sim em condições que permitam a um conjunto de escritores se colocar em pé de igualdade com seus coetâneos.

Durante o processo de modernização e o resgate das culturas locais e marginalizadas pelo primeiro elemento, vê-se, por meio do processo da transculturação, um ganho de natureza dialética entre a cultura do vencido e a subalterna; vê-se a possibilidade de superação de seus pólos opostos e contrários, sem que seja preciso contê-los para exprimi-los.

Ouso discordar de Eça de Queirós quando se externa na máxima: “Bem-aventurados os pobres de léxico, porque deles é o Reino da Glória” (In: *Cartas inéditas de Fradique Mendes*, Porto, 2ª ed., 1929, apud DANIEL, M. L., 1968, p. 18). E é justamente João Guimarães Rosa quem me dá sólidos subsídios a minha discordância, uma vez que, intelectualmente, pela artesanía da linguagem, soube resolver a tensão entre as inovações européias tidas como modernas, vanguardistas, e a herança da cultura local mineira, que procurou conservar os valores tradicionais. O choque entre elas aparece expressado em suas obra, dentre outras vestes, pela transculturação.



São pelas palavras de Riobaldo, pela sua maneira de desdizer as coisas, seu vocabulário emperrado quando não às avessas, sua sintaxe destrambelhada, que Guimarães Rosa reinventa a linguagem, não se limitando a escrever sobre o povo, mas fazendo com que as pessoas do povo fossem elas mesmas donas das palavras, assim como ele que, sob a figura do transculturador, mergulhou em suas falas. E foi esse engajamento na oficina da linguagem de um país que ainda está se fazendo que fez Rosa despontar aos olhos críticos de Ángel Rama que o considerou, pois, um mediador entre duas esferas culturais desconectadas: o interior-regional e o exterior-universal.

Inferindo, em *Grande sertão: veredas* há uma trindade de pessoas distintas, porém unidas, conforme observação de Héctor Olea (2006, p. 132): o Pai-Rosa, o Filho-Riobaldo e o Santo Espírito do Texto. O escritor, por meio do escrito transculturado, permite que a linguagem se faça e se refaça no próprio texto, no qual, por sua vez, a diacronia encontra a sincronia, o dado histórico colide com o sistema existencial. “Reunindo estórias, histórias e anti-histórias, a obra conjuga paralelamente heróis e anti-heróis, vitoriosos e vitimados no meio sertanejo em resistência à modernidade das urbes”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDALA Jr., Benjamin. **Margens da cultura**. Boitempo editorial, 1ª ed., SP/2004.
- AGUIAR, Flávio Wolf de. O oco do mundo. In: BRAIT, Beth (Org.). **O sertão e os sertões**. São Paulo: Arte e Ciência, 1998.
- _____. As imagens femininas na visão de Riobaldo. **Revista SCRIPTA**, Belo Horizonte: PUC/Minas, vol. 2, n.º. 3, 2ª sem., 1998.
- _____. O pacto e o pacto letrado. **Revista Organon**, Rio Grande do Sul: Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 6, n. 19, 1992.
- _____ & VASCONCELOS, Sandra Guardini T. (Orgs.). In: ABDALA Jr., Benjamin. **Margens da cultura**. São Paulo: Boitempo, 2000.
- _____ & _____ (orgs.). **Ángel Rama: literatura e cultura na América Latina**. São Paulo: EDUSP, 2000.
- _____ & CHIAPPINI, Lígia (Orgs.). **Literatura e história na América Latina**. São Paulo: EDUSP, 1993.



- ANDRADE, Mário de. **Paulicéia desvairada in Mário de Andrade: poesias completas**. São Paulo: EDUSP, 1987.
- ARAÚJO, Vera Lúcia Romariz Correia de. Cultura brasileira: a África e a Índia dentro de nós. In: Congresso de Literatura Comparada - ABRALIC, 2000, Salvador. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. Salvador: EDUFBA, vol. 1. p. 149-164, 2000.
- BEZERRA, César. **Trilhas e atalhos do poder: conflitos sociais no sertão**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.
- BOLLE, Willi. **Grande sertão.br**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2004.
- BOSI, Alfredo. A historiografia. In: **HISTÓRIA Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- _____. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1998.
- _____. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.
- _____. "Literatura e subdesenvolvimento". In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 2ª ed., 1989.
- _____. O olhar crítico de Ángel Rama. In: _____. **Recortes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. No grande sertão. Suplemento Literário. In: **O Estado de São Paulo**. São Paulo, nº. 1, ano I, 6/10/1956.
- _____. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2002.
- CARPEAUX, Otto M. **História da literatura ocidental**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1962.
- CHIAPPINI, Lígia; DIMAS, Antonio & ZILLY, Berthold (orgs.). **Brasil – país do passado?** São Paulo: Boitempo, 2000.
- COSTA, Joaquim. **A Expressão literária e a Aprendizagem do Estilo**. Rio de Janeiro: Porto, 1928.
- COUTINHO, Eduardo de Faria (org.). **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. Col. Fortuna Crítica.
- DANIEL, Mary L. **João Guimarães Rosa: travessia literária**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1968.
- DUARTE, Léia P. & ALVES, M. Theresa Abelha. **Outras margens** – Estudos da obra de Guimarães Rosa. Belo Horizonte: PUC.Minas/ Autêntica, 2001.



FANTINI, Marli. **Guimarães Rosa** – Fronteiras, Margens, Passagens. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

_____. Águas turvas, identidades quebradas – Hibridismo, heterogeneidade, mestiçagem & outras misturas. In: ABDALA Jr., Benjamin. **Margens da cultura**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2004.

GALVÃO, Walnice N. **As formas do falso**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. Riobaldo, o homem das metamorfoses. In: MOTA, Lourenço Dantas e ABDALA Jr., Benjamin (orgs.). **Personae**: grandes personagens da literatura brasileira. São Paulo: SENAC, 2001.

PAZ-ANDRADE, Valentín. **A galeguidade na obra de Guimarães Rosa**. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. Áreas culturais na modernidade tardia. In: ABDALA Jr., Benjamin. **Margens da cultura**. São Paulo: Boitempo, 2004.

OLEA, Héctor. **O Professor Riobaldo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

RAMA, Ángel. **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1975.

ROMERO, Silvio. **Teoria, crítica e história literária**. São Paulo: EDUSP, vol. 2, 1978.

RONCARI, Luiz. O lugar da história na obra de Guimarães Rosa. In: MATOS, Edilene; CAVALCANTI, Neuma; LOPEZ, Telê Ancona & LIMA, Yêdda (orgs.). **A presença de Castello**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1ª ed., vol. 1, 2003.

_____. **O Cão do Sertão** - Literatura e Engajamento: ensaios sobre João Guimarães Rosa, Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Editora UNESP, 1ª ed., vol. 1, 2007.

_____. O tribunal do sertão. In: **Revista Teresa**. São Paulo, vol. 02, nº. 2, 2001.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1ª ed., 1956.

SCHWARZ, Roberto. Grande-Sertão: a fala. In: **A sereia e o desconfiado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

STARLING, Heloísa. **Lembranças do Brasil**: teoria política, história e ficção em Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: Revan: UCAM, IUPERJ, 1999.